



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

RENATA KARINE TEIXEIRA DA SILVA

**O PAPEL DA GRAMÁTICA NORMATIVA NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM E NA INTERAÇÃO SOCIAL**

ARAGUAÍNA/TO
2021

RENATA KARINE TEIXEIRA DA SILVA

**O PAPEL DA GRAMÁTICA NORMATIVA NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM E NA INTERAÇÃO SOCIAL**

Artigo foi avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras, para obtenção do título de graduação e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira.

ARAGUAÍNA/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

T266p TEIXEIRA DA SILVA, RENATA KARINE.
 O PAPEL DA GRAMÁTICA NORMATIVA NO PROCESSO DE
 APRENDIZAGEM E NA INTERAÇÃO SOCIAL . / RENATA KARINE
 TEIXEIRA DA SILVA. – Araguaína, TO, 2021.

20 f.

 Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.

 Orientador: Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira.

 1. Gramática. 2. Ensino. 3. Prática. 4. Interação . I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

RENATA KARINE TEIXEIRA DA SILVA

O PAPEL DA GRAMÁTICA NORMATIVA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E INTERAÇÃO SOCIAL

Artigo foi avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras, para obtenção do título de graduação e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 07 /08 /2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, UFNT (Orientador)

Profa. Ms. Maria de Fátima Lopes Vieira Falcão, UFNT

1º Examinador

Profa. Ms. Misleine Andrade Ferreira Peel, UFNT

2º Examinador

Araguaína, 2021

RESUMO

Este trabalho está situado no campo de estudos das Letras, voltando-se para a proposta e para a reflexão acerca do ensino de gramática e para o processo de interação social através dessa abordagem da língua em sala de aula. Com a utilização de teorias que corroboram para as discussões em torno das contribuições das práticas de ensino em relação à mediação do professor em sala de aula, a pesquisa discute, ainda, algumas concepções de gramática e suas finalidades dentro da educação. O artigo tem como objetivo traçar mecanismos que contribuam para o ensino de gramática e problematizar a maneira com que a gramática tem sido referenciada e utilizada nos conceitos acadêmicos e escolar. Além de mostrar as potencialidades que o ensino de gramática pode oferecer ao estudante, quando este tem acesso a uma prática de mediação que enxerga o ensino de gramática essencial. O trabalho se atenta para as questões de estigmatização do uso de gramática normativa na realidade escolar, o que interfere na aprendizagem, e não leva o estudante a mobilizar esses conhecimentos a seu favor no que tange as interações nas suas esferas sociais. As abordagens aqui levantadas são baseadas nas teorias e nas pesquisas de gramáticos e estudiosos da língua, observadas a partir das práticas educacionais utilizadas nas escolas.

Palavras-chaves: Gramática. Ensino. Prática. Interação

ABSTRACT

This paper is situated in the field studies of Language Arts, focusing on the proposal and the reflection about the grammar teaching and the process of social interaction through this approach to language in the classroom. With the use of theories that support the discussions on the contributions of teaching practices in relation to the teacher's mediation in the classroom, the research also discusses some grammar concepts and their purposes within education. The article aims to outline mechanisms that contribute to teaching grammar and question the way that grammar has been referenced and used in academic and school concepts. In addition to showing the potential that the teaching of grammar can offer to the students, when they have access to a mediation practice that sees the teaching of grammar as essential. The work is attentive to issues of stigmatization of the use of normative grammar in school reality, which interferes with learning, and doesn't take the students to mobilize this knowledge to their advantage regarding the interactions in their social spheres. The approaches raised are based on theories and researches by grammarians and language scholars, observed from the educational practices used in schools.

Keywords: Grammar. Teaching. Practice. Interaction

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
FUNDAMENTAÇÃO	
TEÓRICA.....	9
O PERCURSO HISTÓRICO DA	
GRAMÁTICA.....	10
A MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO DE	
GRAMÁTICA.....	12
PRÁTICAS INOVADORAS X TRADICIONAIS E OS REFLEXO NA	
INTERAÇÃO	
SOCIAL.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

É recorrente encontrarmos teorias e pesquisas que reforçam a afirmação estigmatizada de que o ensino de gramática normativa está associado a uma prática de ensino descontextualizada e a metodologias apenas tradicionais. Nesse sentido, essas afirmações ressaltam a ideia de que ensinar ao estudante conceitos normativos da língua não facilita a compreensão, reduzindo o ritmo de aprendizagem desse estudante no que tange ao ensino de língua materna.

A associação de ensinar gramática a algo pejorativo tem sido compartilhada em todo o espaço escolar e acadêmico, assim temos professores inseguros, ensino da norma culta desviado do seu propósito e discentes totalmente deficientes em relação a uma linguagem necessária para sua interação nos espaços sociais em que estão inseridos. Para Possenti (1996), o exercício de ensinar gramática vai facilitar outras formas de interpretação, e ensinar as regras, normas, é o mesmo que inserir no indivíduo a habilidade de dominar seu uso em várias esferas sociais. Segundo ele: “o papel da escola não é de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também variedades que não conhecem (...), a que é peculiar de uma cultura mais ‘elaborada’” (p.83).

Pretendemos abordar, nesta da pesquisa, a mobilização de conceitos que contribuam para evidenciar o importante papel que a gramática normativa exerce em sua função psíquica e social para o desabrochar e para o desenvolvimento de seu usuário. Em segundo momento, vamos de maneira teórica utilizando de ideias que fundamentam e compreendam os aspectos particulares do funcionamento do ensino de gramática.

Nós nos atentaremos, ainda, na reflexão sobre a posição mediadora do professor e em que forma esse docente se posiciona em relação a sua própria consciência, no que tange à relação existente entre o ensino de gramática normativa e suas interações sociais; e, ainda, na maneira com que a visão do professor sobre esse ensino reflete de forma positiva ou negativa no processo de ensino e aprendizagem, por meio da aquisição de uma gramática socialmente aceita e prestigiada. E, por fim, destacaremos e refletiremos sobre as metodologias executadas nas práticas docentes, comparando-as com as teorias que abordam os chamados modelos tradicionais e inovadores.

Os métodos utilizados nesta pesquisa se pautam na análise a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, à luz de teorias a respeito do ensino de gramática normativa, suas funções e compreensões. Em segundo momento, simultaneamente ao levantamento bibliográfico e teórico, tentaremos, a partir das investigações feitas, compreender como se realizam as aulas de gramática normativa e quais os aspectos que tornam essa prática um desafio; compreendendo

ainda o papel mediador do professor, para que o ensino de gramática normativa seja absorvido pelo corpo discente.

No primeiro tópico nos atentaremos para as reflexões em volta das mais variadas concepções e interpretações de gramática dentro da língua portuguesa, evidenciando seu percurso histórico na construção do conhecimento; além de destacar as afirmações e debates entre teóricos que defendem o ensino de gramática em relação a pesquisadores que não são a favor da utilização da gramática normativa nas aulas de língua portuguesa.

No segundo tópico dessa pesquisa abordaremos as discussões em torno do processo de mediação nas aulas de língua portuguesa, no que toca ao ensino de gramática. Faremos reflexões pautadas nas relações construídas nas aulas entre aluno e professor, observando de que maneira o professor poderá contribuir na aprendizagem e no ensino de gramática, e de que perspectiva o aluno enxergará a influência docente.

E, por fim, levantamos teorias e ideias que jogam luz às práticas de ensino consideradas inovadoras, destacando alguns pontos que fazem com que a gramática seja considerada uma prática ao invés de teoria da língua portuguesa, abrindo espaço para visões tradicionais sobre ela.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico para esta pesquisa foi constituído por autores que analisam e discutem o ensino de gramática normativa na sala de aula. Nesse sentido, de início, utilizamos Geraldi (1991), com suas contribuições acerca das ideias que mencionam os meios e os métodos em que são executadas as práticas do ensino de gramática normativa, refletindo e destacando, inclusive, que os livros didáticos são apenas reproduzidos pelos professores no repasse do conteúdo, e que isso refletirá na maneira com que se ensina gramática.

Trabalhamos também com Possenti (1992), para discutir o ensino multilíngue, ou seja, no sentido de “assimilação social” ou “interação social”. E com Travaglia (2002), com as afirmações que destacam as concepções dos professores a respeito da linguagem relacionada ao ensino gramatical. Além desses, utilizaremos autores como Celso Cunha e Lindley Cintra, com as definições de algumas esferas e configurações do funcionamento da gramática normativa.

E umas das teorias, que mais será utilizada, aborda a questão da visão que se tem formado acerca da gramática, intitulada de “Gramáticas na Escola”, de Oliveira e Quaresmim (2017), que alude que “muita confusão sobre o termo gramática e certamente parte da Controvérsia sobre o ensino ou não de gramática na escola vem dessa Confusão, porque o modo

como a Linguística entende gramática é diferente do que está na cabeça das pessoas quando elas dizem gramática” (OLIVEIRA, QUAREZEMIM, 2017, p. 42). Utilizamos ainda, nesta pesquisa, Travaglia (2001), com suas teorias a respeito das definições e das amplas configurações do que se entende por gramática e por suas dimensões de significado na língua; Geraldi (2002), a respeito da gramática nas suas características e esferas sociais. Utilizamos, ainda, a definição de Mendonça (2006) sobre o modelo tradicional de ensino; e Hoffmann (2009), com suas contribuições acerca da mediação no processo de ensino e aprendizagem.

3. O PERCURSO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA

Antes de refletirmos sobre o estudo de gramática e sobre o processo de interação social, precisamos compreender o seu percurso histórico e entender como ela foi e vem sendo definida ao longo dos anos. A gramática surge por volta de dois séculos que antecederam a chamada era cristã, os primeiros estudiosos que se voltaram para a compreender a gramática foram os gregos, esses que, por sua vez, se dedicaram na preservação da pureza da língua grega, que estava sendo influenciada pelo barbarismo. É nesse momento, peculiar e confuso para os gregos, que surge o interesse em perceber o funcionamento da gramática e suas estruturas.

A gramática vem sendo alvo de inúmeros questionamentos no que se refere aos estudos da língua, já que por muitos é entendida como apenas um conjunto de regras que se utiliza para a construção de uma esfera da linguagem ou mesmo um conteúdo complexo que se reproduz nas escolas. Os historiadores, filósofos e inclusive linguistas se preocuparam em defini-la, gerando desde então inúmeras controvérsias e inclusive desentendimentos entre teorias. Diante do que já foi exposto, compreende-se que há algumas definições e concepções de gramática, como expõem em suas ideias Travaglia (2001) e Possenti (1996). O primeiro vai definir a gramática como “um manual com regras de bom uso da língua”, ou seja, trata-se de um livro normativo que traz em seu conjunto maneiras ideais para falar e escrever de maneira certa; sendo “o conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” (Travaglia, 2001:28).

Na afirmação acima, o autor já atenta para a gramática que chamamos de internalizada, com a qual o usuário exerce competência interna no processo de construção da língua, buscando em suas próprias experiências linguísticas conhecimento previamente adquirido. O pioneiro nessa tese trata-se de Chomsky, que define a gramática como “conhecimento implícito sobre o que constitui a língua materna e como ela funciona” (apud Johnson & Johnson, 1998). Aqui o autor evidencia que o falante está com esse conhecimento internalizado, o qual não faz parte de nenhum processo de escolarização, mas que ainda assim é capaz de mobilizar essas informações

e realizar a atividade comunicativa. Outros teóricos reforçam a ideia de Chomsky, dizendo que esses conhecimentos internos “são como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas (Perini, 2001:13 apud. Oliveira e Quaresemim).

Em estudos mais antigos, podemos compreender que o intuito da gramática era regularizar e padronizar a língua na esfera escrita. Segundo muitos historiadores da língua, tratava-se de um estudo que, pelas condições de seu surgimento, limitava-se à língua escrita, especialmente à do passado, mais especificamente à língua literária e, mais especificamente ainda, à grega; e, nessa tentativa de padronizar uma só maneira de se usar a língua, ela foi se tornando entre algumas classes na sociedade um espelho para as práticas de escrita e oralidade no meio social. Bagno vai fazer uma crítica a respeito do que para ele a gramática se tornou:

A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais” um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais. (BAGNO,1999, p. 149)

O autor acredita que, mesmo nos dias atuais, utilizar a norma padrão no processo de aprendizagem tem sido um exercício de separar os indivíduos de uma mesma língua; afirma, ainda, que o seu uso classifica os falantes em patamares sociais diferentes. Bagno e outros estudiosos da língua fazem o trabalho de investigar o funcionamento linguístico de um determinado povo. Atualmente, recai sobre a gramática esse conceito de que ela assume a tarefa de segregar e classificar o falante. Mas ela tinha a função de regularizar os procedimentos linguísticos para que houvesse acordos e sintonias no ato de se comunicar ou se expressar.

Alguns outros pensadores contribuem com algumas definições a respeito da gramática, entre eles Silva (2002), que alude que se trata da “arte de ler e escrever”; olhando por essa vertente, a gramática teria apenas essa proposta de ensinar a ler e escrever. Mas sabemos que a maior dificuldade no contexto escolar tem sido a própria escrita e atividade de leitura.

Quando se trata da origem das línguas, há inúmeras discussões em volta dessa tese, já que alguns linguistas, como Chomsky (2010), defendem que surgiram com o intuito de organizar o pensamento e só depois se tornaram um mecanismo de interação do indivíduo. Analisando por esse viés que defende o linguista, podemos compreender que a gramática tem se sustentado pelo mesmo padrão de exercício. Ela surge com a função de organizar as informações da fala e escrita e consegue nesse padrão harmonizar as interações sociais através das estruturas que ela se compromete a organizar. Por outro lado, temos Deutscher (2014), que

afirma que, pelo contrário do que sustenta Chomsky, a língua surge como interação social e em seu percurso ela se internaliza. Pensar a gramática como uma estrutura da língua em uma só perspectiva é limitá-la a uma atividade incompleta, rasa e nada significativa dentro do ensino.

Oliveira e Quaresmim (2017) criticam o papel científico da linguística: “o papel da Linguística parece ter sido essencialmente de crítica à gramática normativa e ao modo como se ensinava gramática nas escolas; uma crítica às aulas de português, como aulas de decorar regras”. Os autores afirmam ainda a interpretação de como se não pudesse haver o ensino de gramática nos espaços escolares. Geraldi (2002) também deixa sua contribuição daquilo que ele compreende entre a língua e gramática, o que para ele cada uma representa no espaço social:

(...) uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar a língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (Geraldi, 2002:89)

As variadas interpretações e definições do que é gramática, feitas por campos científicos, com visões diferentes, desaceleram a possibilidade que ela pode contribuir no processo de ensino. Quando temos de um lado estudiosos que não defendem a sua função nos espaços de ensino, isso causa um estigma e ideias negativas sobre gramática, não legitimando a sua importância e função no processo de ensino e aprendizagem da própria língua do falante. Mas, diante do que já foi dito anteriormente, vale ressaltar que as compreensões de gramáticas precisam andar com propósitos alinhados para cumprirem cada qual com suas contribuições, inclusive no que se refere à aprendizagem.

Há muita confusão sobre o termo gramática e certamente parte da controvérsia sobre o ensino ou não de gramática na escola vem dessa confusão, porque o modo como a Linguística entende gramática é diferente do que está na cabeça das pessoas quando elas dizem gramática. Podemos facilmente identificar pelo menos três conceitos distintos de gramática: a gramática de uma língua (da sua língua, p. ex.), a gramática que um linguista constrói para explicar uma língua (a gramática de CASTILHO, 2010, p. ex.) e a gramática enquanto compêndio do bem-dizer. (OLIVEIRA, QUAREZEMIM, 2017, p.42)

4. A MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO DE GRAMÁTICA

Quando nos atentamos para as práticas de ensino que se baseiam em mediar o conhecimento, mobilizando diretamente a chamada avaliação mediadora, um processo que vem se destacando entre professores nos últimos anos, podemos concluir, junto com Hoffmann (2009), que “a ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício do aluno e dá-se

fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado”. Segundo a autora, observar e conhecer as limitações, desenvolvimentos e demandas do aluno é crucial nesse momento de aprendizagem. Mas, quando falamos em mediação nesses contextos, nos referimos exclusivamente à maneira com que a proposta mediadora de ensino de gramática será realizada nas aulas de português. Nesse exato momento precisamos inserir e refletir sobre o papel do professor, pois Piaget e Vygotsky defendem o ponto de vista em que, na construção da aprendizagem e conhecimento, é indispensável qualquer exercício de interação do adulto com a criança (aluno) para o desenvolvimento.

Nesse processo de mediar as bases de aprendizagens sobre gramáticas, a ação do professor precisa ser pautada na promoção de gerar novas perspectivas e oportunidades de conhecimento aos alunos através da relação de aproximação e interação. Ou seja, levá-los a compreender que aquele conteúdo os possibilita a ocuparem novos espaços, não apenas ensiná-los que existe uma norma padrão que é utilizada ao ler, escrever e se comunicar em determinados eventos, mas fazer esse aluno enxergar a gramática como caminho de construção de novos elos sociais.

A mediação, o preparo para essa atividade, consiste em determinar em que medida e com que visão o aluno aprenderá gramática. “Quando o aluno está realizando a leitura de um texto e o professor faz um comentário a respeito desse texto, a relação aluno-texto sofre uma interferência da ação do professor e deixa de ser uma relação direta para ser uma relação mediada” (HOFFMANN, 2006, p.4): aqui podemos perceber que, através das afirmações da autora, um professor que apresenta uma perspectiva de gramática saudável e mediadora irá influenciar na maneira em que o conhecimento é compartilhado, resultando assim numa aprendizagem realmente adquirida e desenvolvida no percurso educativo.

Mas realizar uma prática pedagógica, inclusive com gramática, não tem sido tarefa fácil para o corpo docente; a insegurança e outros receios tomam grandes proporções, já que o ensino de gramática é bombardeado de maneira pejorativa. Pernambuco e Figueiredo (2011), em seus estudos, afirmam que:

Quando a Linguística brasileira elegeu o ensino da Gramática como alvo de seu ataque às causas do insucesso do ensino da língua portuguesa, deixou os professores em uma situação desconfortável, uma vez que ficaram inseguros em relação ao trabalho que sempre tentaram realizar apoiados nos bons gramáticos. A Gramática sempre foi a base do ensino de língua materna na escola brasileira de todos os graus. (FIGUEIREDO; PERNAMBUCO, 2011, p.5)

Nesse sentido, não haverá da parte do professor qualquer dinamismo ou comunicação suficiente que conecte suas reflexões com os alunos, já que o conteúdo é estigmatizado. Não haverá ainda qualquer desejo ou estímulo em compartilhar uma base de conhecimentos, quando esse objeto de estudo é descredibilizado e a prática criticada. Os professores ficam entre desempenhar um bom papel de fazer com que os alunos reconheçam a importância da gramática em seus desempenhos sociais e acadêmicos ou gerar nesse indivíduo a sensação de que gramática não é tão essencial e que sempre foi e será apenas um conjunto de regras saturadas. Mas, na medida em que o professor compreende que inúmeras barreiras podem ser quebradas e que esse aluno, ao ter domínio da norma culta, estará ainda mais capacitado a desenvolver novas relações com a língua, ele pode voltar a considerar a gramática como algo importante e fundamental.

O aluno constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios e desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas [...]. (HOFFMANN, 1993, p. 52)

Nesse sentido, após as afirmações da autora, podemos compreender a habilidade que se desenvolverá no aluno através da aquisição das relações e de suas mediações na transferência do conhecimento. Ao conectá-lo a uma unidade da língua, no caso a gramática normativa, esse por sua vez estará em condições de associações mais avançadas e definindo por si só seu próprio desempenho em outras esferas da língua. A tarefa do docente será compreender, no processo de suas relações com os alunos, em que momento e de que maneira as suas interferências e contribuições dialógicas precisam se fazer presente, como aponta Gill em sua pesquisa a respeito da interação na escola:

Considerando, portanto, que o processo ensino-aprendizagem escolar é constituído de interações entre professores e alunos, que trabalham pelo objetivo comum da aprendizagem do aluno, a questão que se põe é a do que acontece com o aluno enquanto ele aprende. O problema assim colocado implica procurar saber quais são as diversas modificações do desempenho do aluno a medida em que ele se relaciona com seus professores. (GIL, 1993, p. 29-38)

Portanto, nesse processo da aprendizagem através da interação, compreende-se que os estímulos e os retornos dos alunos também irão mediar as competências de mobilização do conhecimento e da prática docente. Não sendo o aluno apenas o alvo das ações docentes, pois se o professor passa a mediar e agir de acordo com aquilo que o aluno expressou, o discente também se fará protagonista da aprendizagem por mediação.

5. PRÁTICAS INOVADORAS X TRADICIONAIS E OS REFLEXO NA INTERAÇÃO SOCIAL

Muito se discute a respeito das práticas de ensino dentro dos ambientes educacionais, embora existam inúmeras vertentes de como se ensinar gramática na sala de aula, ainda há uma recorrente ausência de reconhecimento do trabalho docente nesse sentido. Devemos estar atentos nas finalidades de cada prática e em suas execuções no processo de ensino, embora muitos pesquisadores já afirmaram e, ainda, destacam algumas práticas que consideram ultrapassadas. Na definição de Mendonça (2006), um modelo tradicional de ensino se pauta em um conjunto de práticas que se solidificou com o passar do tempo, com certa regularidade de ocorrência, o que resultou na constituição de uma tradição. No ensino tradicional, a gramática normativa é considerada como obra acabada, sem grandes considerações para o que ela tenha representado em termos de esforço de pensamento (RIBEIRO, 2001).

Nos documentos normativos da educação nacional, o texto passa a ser compreendido como o que deve estar em evidência para que ocorra um desabrochar social; trata-se de salientar o dinamismo com que os alunos irão utilizar o conhecimento adquirido em favor da sua mobilidade social:

O objetivo do ensino de língua não pode ser o de fazer do aluno um gramático ou um linguista. Todas as práticas utilizadas no ensino de língua materna devem estar direcionadas para a condução do aluno ao domínio do instrumento verbal para a produção de mensagens expressivas que lhe permitam participar do jogo social de forma ativa e crítica. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS 1998, p. 6)

O documento afirma a importância do jogo social na formação ativa e crítica; assim, podemos afirmar que o ensino de gramática é considerado muitas vezes como prática tradicional, sendo estigmatizado durante toda a sua trajetória na educação. Ainda que se tenha a visão do ensino de gramática, e das práticas referentes a ela, como um modelo tradicional, ela contribui para que o indivíduo adquira e tenha sua eficaz participação no jogo social. Nos referimos a isso devido às ideias que repercutem com afirmações de que ensinar gramática normativa atrasa os alunos nas demais concepções de língua e até de gramáticas. Travaglia reflete que:

Propõe-se que o objetivo prioritário do ensino de língua seja desenvolver a *competência comunicativa*, levando o aluno (enquanto usuário da língua) a incrementar de modo progressivo sua capacidade de escolher e combinar adequadamente cada vez um maior número de recursos linguísticos para dizer o que quer, ou seja, para produzir determinado efeito de sentido por meio de seus textos e, ao mesmo tempo, adequar o ato verbal às situações de comunicação, o que tem a ver diretamente com a competência discursiva. (TRAVAGALLIA, 2011, p. 2).

O que se propõe, hoje, são metodologias avançadas; que estão além das próprias possibilidades que a escola pode ou está capacitada a oferecer. Pois as práticas que caminham juntas entre ensino de gramática normativa e reflexão das dimensões da língua apresentam certa complexidade, o que atrapalha o processo de aprendizagem, gerando ações que o aluno não consegue utilizar em suas experiências sociais e educacionais.

Mas alguns estudiosos compreendem que as práticas inovadoras estão ligadas apenas a outras esferas que não abarcam o ensino de gramática: “não consideramos eficaz seguirmos prescrevendo um ensino de língua que apenas privilegie a produção e a compreensão de textos” (MORAIS, 2002, p.1). A discussão se dá ainda com aqueles que compreendem que os novos modelos de se pensar o ensino de língua podem se associar a concepções de ensino que já vêm há muito tempo contribuindo com a aprendizagem ao invés de deslegitimá-la e considerá-la como uma proposta desconexa com a atualidade e a realidade dos alunos. Antunes (2007) corrobora com essa afirmação dizendo que:

Além das concepções, discutimos também sobre o ensino de gramática e outros tipos de prática que circundam a educação básica, entre elas: o ensino de gramática em favorecimento da escrita, da gramática do texto e da prática de análise linguística. Todas elas aparecem para somar e favorecer o ensino de língua portuguesa na escola. Na maioria das vezes, essas propostas inserem o trabalho de gramática tradicional em diálogo com aspectos textuais. (ANTUNES,2007, p.2)

Levar o aluno a compreender e a facilitar sua participação mais ativa está associado não ao que se ensina, mas à maneira, à prática, à estratégia de compartilhar o conhecimento. Essa participação não depende apenas de um determinado tipo de gramática ou língua, mas depende de como iremos apreciá-las e utilizá-las em aula. Confundem, ainda, prática com conteúdo, pois muitos absorveram a ideia de que, independente da maneira, a gramática está totalmente ligada a conteúdos que já não são essenciais e que precisam de interferências de outras teorias para que seus resultados sejam alcançados; quando, na verdade, podem ser limitados e incompletos no que diz respeito a seus objetivos.

Não se pode olhar para trás em direção à escola ancorada no passado em que se limitava a ler, escrever, contar e receber passivamente um banho de cultura geral. A nova cidadania que é preciso formar exige, desde os primeiros anos de escolarização, outro tipo de conhecimento e uma participação mais ativa. (CARBONELL, 2002, p.16)

A inovação, dentro da educação, torna-se importante para que as práticas de ensino acompanhem as novas expectativas, as demandas sociais e para que haja novas interações da

gramática com as situações reais, sem precisar tirá-la ou desqualificá-la no processo de ensino e aprendizagem. A gramática normativa precisa ser compreendida a partir de suas contribuições, e a necessidade que temos de utilizá-la torna nossas relações com a escrita e com a fala, e com outras dimensões da linguagem, algo harmônico e produtivo. Ainda que alguns a chamem de uma gramática que se estabeleceu apenas para os mais privilegiados, ela não se limita apenas a organizações e a regras. Como aludem Oliveira e Quarezemim: “essa visão normativa se espelha no código civil que exhibe o conjunto de leis que estabelecem a boa convivência dos indivíduos em sociedade, como se a gramática fosse esse conjunto de leis” (OLIVEIRA, QUAREZEMIM, 2017, p.44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gramática normativa tem sido limitada apenas às ideias e às concepções de que seu ensino se baseia em regras e na descontextualização da realidade em relação ao usuário da língua, sem associá-la às mais variadas formas de aprendizagem, o que inclui a sua contribuição no processo de inserção do aluno nas interações sociais. Compreender que, ao aprender gramática, o indivíduo se torna ainda mais consciente da sua realidade linguística, assumindo maior autonomia em utilizar outras esferas da linguagem, é essencial para que o professor compreenda todo o processo de aprendizagem linguístico-gramatical. Como alude Bechara, “transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação e comunicação” (BECHARA, 2002, p. 14).

Assim, o docente responsável se comprometerá com novas propostas de ensino, ampliando suas práticas e oferecendo ao corpo discente um diálogo mais efetivo no momento da troca de informações e de conhecimentos; podendo observar, a partir das devolutivas do aluno, que a gramática está contribuindo em sua formação e na experiência do próprio professor.

Embora as teorias e os estudiosos tenham limitado a esfera gramatical a uma única proposta de ensino e tendo enraizado nela uma fundamentação desproporcional para aquilo que ela também pode oferecer, as práticas de ensino devem se basear menos nessas perspectivas, se quisermos que ocorra realmente uma aprendizagem saudável e frutífera.

As contribuições desta pesquisa trazem, como elemento principal, reflexões acerca de que maneira compreendemos o uso e o estudo da gramática normativa na escola e em outros espaços sociais; em como podemos utilizá-la para adentrarmos a outros espaços sociais e conseguirmos, junto com nossos alunos, um envolvimento crítico em novos patamares da

criação linguística. Dentre os principais elementos, compreendemos que as limitações e os estigmas em que a gramática ficou presa precisam não ser mais um modelo de impedimento para que se ensine gramática nas aulas de português; mas, pelo contrário, precisamos utilizar os conhecimentos gramaticais e suas contribuições para associar a gramática às inúmeras práticas pedagógicas e a outras perspectivas de ensino de língua.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedra no caminho**. São Paulo, Ed. Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. São Paulo: Artes Médicas, 2002.
- CHOMSKY, N. **A ciência da linguagem – Conversas com James McGilvray**. São Paulo: Unesp, 2014.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª Ed..2001.
- GIL, Maria Stella C. A. **Interação social na escola: professor e aluno construindo o processo ensino-aprendizagem**. *Temas psicol.* [online]. 1993, vol.1, n.3, pp. 29-38. ISSN 1413-389X.
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- HOFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- MENDONÇA, M. **Pontuação e sentido: em busca da parceria**. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Org.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 113- 125.
- OLIVEIRA, Roberta. QUARESEMIM, Sandra. **Gramáticas na escola – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. – (Coleção de Linguística)**.
- Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). **Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996, p. 83-89.

RIBEIRO, O. M. **Ensinar ou não gramática na escola eis a questão.** Linguagem e ensino, v. 4, n. 1, p. 141-157, 2001

SILVA, Délcio **Barros da. As principais tendências pedagógicas na prática escolar Brasileira e seus pressupostos de aprendizagem.** Disponível em:http://www.ufsm.br/lec/01_00/DelcioL&C3.htm>. Acesso em: 15 maio. 2021.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de Gramática no 1º E 2º Graus.** 6. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Título original: Thought And Language. [1987].